

A primavera dos povos

O sobressalto cívico começa no dia 1. É contra políticos e governos, contra a crise e a corrupção. As revoltas já vêm de longe. Em 1848, uma onda revolucionária parecida com a que varre os países árabes passou pela Europa.

E ainda não se falava em Facebook... TEXTOS DE ANABELA NATÁRIO

O soldado dá uma passa e deita uma baforada de fumo para a cara de um civil, este arranca-lhe o charuto da boca esmagando-o no solo. Gera-se um burburinho, cresce o número de cidadãos. De repente, os militares que enchem a praça principal de Milão desembainham as espadas e atacam. Matam seis pessoas e ferem dezenas, nesse 3 de janeiro de 1848. Dias depois, forma-se uma onda revolucionária que se propaga pela Europa e atinge o auge no mês de março, tornando-se a primeira revolução com tendência global e entrando na História com o nome de Primavera dos Povos.

No primeiro dia do ano, os milaneses decidem desafiar de vez o autoritarismo austríaco a que estão submetidos desde que os vencedores de Napoleão dividiram a Europa entre si. Pensam que uma maneira de atacar o inimigo é abalar-lhe as finanças e, como o monopólio do tabaco representa uma das grandes fontes de receita do império, entram numa “greve ao fumo”. O apelo à resistência civil espalha-se em panfletos dirigidos aos jovens lombardos, e boca a boca. Lembra-se que algo semelhante já resultou no passado: os norte-americanos começaram a sua revolução com um boicote ao chá e conseguiram tornar-se independentes dos ingleses.

Como reação ao protesto naquela que é uma das capitais do inventado reino da Lombardia-Veneza, o generalíssimo Joseph Radetzky manda distribuir 30 mil charutos pelos soldados e dinheiro “quanto

FESTEJOS EM VIENA

A ONDA REVOLUCIONÁRIA DE 1848 PASSOU PELA CAPITAL DO IMPÉRIO AUSTRIACO. COMO SE VÊ NUMA LITOGRAFIA DA ÉPOCA, O POVO TAMBÉM FEZ BARRICADAS E LUTOU NAS RUAS CONTRA O GOVERNO DO IMPERADOR





Caricatura in Wien am 26. May 1848.

O ano louco de 1848

JANEIRO 03 MILÃO



A "greve ao fumo" contra os austríacos acaba em seis mortos e dezenas de feridos

12 PALERMO
Começa a onda revolucionária. O povo sai para rua e impõe a Fernando II das Duas Sicílias uma nova constituição

27 NÁPOLES
Primeira grande manifestação contagiada por Palermo

FEVEREIRO
8 TURIM
O rei Carlos Alberto da Sardenha anuncia uma constituição liberal e acalma os ânimos em Turim, capital do reino

10 NÁPOLES
Fernando II, é obrigado a conceder uma constituição do tipo liberal

18 FLORENÇA
O grão-duque Leopoldo II adianta-se aos conflitos e segue os passos de Fernando II e Carlos Alberto

22 PARIS



Começa a revolta em França, com uma enorme manifestação de operários e artesãos

MARÇO
4 TURIM
Carlos Alberto promulga o Estatuto Fundamental do Reino

12 VIENA
Início da revolução na capital do Império Austríaco

13 VIENA



O príncipe Metternich, chanceler do império austríaco, abandona o poder

14 ROMA

O Papa Pio IX dá uma constituição aos Estados Pontifícios

23 BUDA

Nacionalistas manifestam-se pela autonomia

17 VENEZA

Início da revolução. Povo na rua

18 BERLIM



A população barrica-se nas ruas e luta contra a tropa prussiana de Frederico Guilherme IV



Começa a revolução dos cinco dias. O 'governador' Radetzky é obrigado a deixar a cidade

20 PARMA

A população revolta-se também contra o império

22 VENEZA

Declaração de independência

23 BUDA

Os húngaros declaram independência. Mas irão perdê-la

24 TURIM

O reino da Sardenha declara guerra ao império austríaco

basto" para que se embebedem e saiam para as ruas a fumar numa nítida provocação aos cidadãos, conta, em "Dell'Insurrezione di milano", Carlo Cattaneo, filósofo e escritor, um dos cabecilhas da insurreição denominada "Cinco dias de Milão" que correrá com os austríacos três meses após o apagar do charuto. Este milanês republicano e carbonário tem 47 anos, que é mais ou menos a média das idades destes líderes revolucionários europeus.

O episódio da greve dos fumadores é a faúlha que incendeia os ânimos já exaltados pela subjugação dos regimes autoritários, pela corrupção, pelo desemprego e a subida dos preços dos alimentos. E demorou menos tempo a alastrar do que a tempestade nos países árabes, iniciada em Sidi Bouzid, na Tunísia em dezembro de 2010, se se considerar a faísca ter saltado no dia 17 quando se imola pelo fogo um desempregado que nem vendedor ambulante consegue ser perante uma polícia corrupta de um regime irascível.

O contágio dos protestos iniciados na segunda cidade da Tunísia e que rapidamente tomam conta do país, tal como sucede na Lombardia há 163 anos, fez-se sentir 20 dias depois, a 5 de janeiro, na vizinha Argélia. Sem telemóveis, Internet e televisão, mas com jornais, panfletos e mensageiros, a exaltação dos milaneses leva apenas uma semana a contagiar outro reino, o das Duas Sicílias. E em pouco mais de um mês, a onda revolucionária percorre o velho continente, só lhe escaparam a Grã-Bretanha, a Holanda, os impérios russo e otomano. Em Portugal, onde o liberalismo vencera o absolutismo, houve tentativas, criou-se a Comissão Revolucionária de Lisboa de onde nasceu o Partido Republicano e a sociedade secreta Carbonária Lusitana.

HOJE COMO ONTEM A era digital permite que tudo se saiba no mesmo instante em que acontece, mas o ser humano precisa de tempo para reagir fora dos teclados, tal como na era mecânica. A seguir à Argélia, os protestos demoraram uma semana a chegar às ruas de Marrocos, nove dias às da Jordânia, 11 às do Iémen, 12 às de Omã, 16 às da Arábia Saudita, 20 às do Egito e 25 às do Sudão. No mês de fevereiro, alastraram dia 12 à Mauritânia, a 14 ao Bahrein e Irão, e a 15 rebentaram na Líbia. Até agora, apenas os tunisinos (ex-protetorado francês) e os egípcios (ex-protetorado inglês) conseguiram expulsar os presidentes há décadas no poder. Os líbios, que já foram colonizados pelos italianos, estão em guerra civil

PARIS OS FRANCESES COMEMORAM DURANTE SEMANAS A EXPULSAO DO REI. A REVOLUÇÃO DE 1848 É O INÍCIO DA II REPÚBLICA E DA IMPLANTAÇÃO, PELA PRIMEIRA VEZ NA EUROPA, DO SUFRÁGIO UNIVERSAL



e os restantes vão protestando, obtendo apenas algumas promessas de mudança.

Vejamos o que sucede em 1848, quando sobrevém um "novo movimento que derruba em França a monarquia de Orleães e estabelece uma Segunda República, levanta o norte da Itália e a Hungria contra a Áustria, os polacos em Posen contra os alemães, e põem o Papa em fuga perante os republicanos de Roma", como refere H. G. Wells, na sua "História Universal". O escritor britânico, embora admita haver sérios descontentamentos sociais, vê nessa onda revolucionária mais "uma revolta do mapa político natural contra os sistemas de opressões e desajustamentos" determinados pela diplomacia pós Napoleão, no Congresso de Viena de 1815.

De início, Fernando II de Bourbon, rei das Duas Sicílias, pensa que impede o contágio milanês — já a provocar mortes em Livorno, Pavia e Pádua — com a prisão dos principais revolucionários palermitanos, mas a palavra já fora passada em folhetos. No dia 12, o povo barrica-se nas ruas de Palermo, uma das capitais, e impede a guarda real de sair dos quartéis. Grita-se vitória e as notícias chegam à outra capital deste reino saído do congresso vienense para agradar aos Bourbon, família que governou durante séculos no Velho Continente.

Quinze dias depois de Palermo, Nápoles



GETTY IMAGES / DE AGOSTINI

mostra o seu descontento numa grande manifestação contra o rei e o regime. Começam por exigir o mesmo que o outro lado da Sicília já implantara: liberdade e uma constituição idêntica à espanhola de 1812, de inspiração liberal e independência. Fernando II, de 38 anos e rei desde os 18, é obrigado a ceder, nomeia um governo provisório e promulga uma constituição do tipo liberal que há de rasgar quando no ano seguinte esmagar uma revolta, de uma forma tão bárbara que lhe valerá o cognome de “Rei Bomba”.

UMA ITÁLIA QUASE UNIDA No dia 8 de fevereiro, a rebelião chega a Turim, capital do reino da Sardenha. O rei Carlos Alberto foi tenente dos Dragões de Napoleão muito jovem, tem 49 anos e continua cheio de problemas de consciência. Sossega as hostes, anunciando que seguirá as pisadas do seu congénere das Duas Sicílias, mas só em 4 de março efetiva a promessa. Passada uma semana, os protestos ouvem-se em Florença e o grão-duque da Toscana Leopoldo II de Habsburgo-Lorena — casa que dominou o Sacro Império Romano-Germânico durante 844 anos e governará o austro-húngaro desde a sua fundação, a 1867, até 1918 — acaba por aceitar as reivindicações e envereda também por uma constituição liberal decalcada da francesa de 1830.

Entretanto, na França de Luís Filipe de Bourbon, que aos 74 anos julga estar seguro e ser muito amado pelo povo, a revolta rebenta quando o prefeito de Paris proíbe um banquete que reuniria, no dia 19 de fevereiro, o movimento reformista contra o imobilismo do rei e do seu governo que visava, sobretudo, impor o sufrágio universal. É o último de uma série de 70 jantares com conferentes que se realizou pelo país, seguindo a tática dos republicanos para contornar as leis que proibiam ajuntamentos e associativismo.

Os organizadores adiam o banquete para dia 22 e apelam ao povo que se junte numa grande manifestação. Até à data, os franceses não pareciam sentir muito a agitação que se produzia nos encontros intelectuais, mas — a par das notícias italianas, cansados da crise agrícola, do desemprego crescente, do aumento dos preços... — respondem em massa ao apelo e concentram-se na Madeleine, com a ideia de ir até ao Palácio Bourbon que a revolução de 1789 transformara em Parlamento.

Os ânimos aquecem e começam a ouvir-se gritos a favor da reforma e contra o primeiro-ministro François Guizot. Ao fim da tarde, há confrontos com as autoridades e um manifestante é morto. Na manhã seguinte, apesar da chuva, ninguém arreda pé. A guarda nacional recusa-se a receber ordens reais e passa para o lado dos revoltosos. Ao

ABRIL

25 VIENA

Promulgada a constituição. O papado junta-se à Sardenha na guerra contra a Áustria. E os austríacos esmagam a revolta em Cracóvia, Polónia

30 PASTRENGO



O general Radetzky demite-se, derrotado pela Sardenha

MAIO

4 FRANÇA

Proclamada oficialmente a II República

7 POLÓNIA

Tropas prussianas dominam Varsóvia

15 FRANÇA

Movimento popular liderado pela esquerda após terem tido conhecimento do fim da revolta na Polónia. Os revolucionários são presos e o movimento termina. VIENA

Segunda revolta na capital imperial contra a constituição que acaba revogada

17 VIENA

Fernando I foge para Innsbruck

JUNHO

2 PRAGA

Congresso Pan-Eslavo: checos reivindicam autonomia

23 PARIS

Jornadas de junho até dia 26: manifestação de milhares de trabalhadores. Repressão sangrenta pelo exército: 6000 mortos

JULHO

IMPÉRIO RUSSO

Russos invadem os Principados do Danúbio (Moldávia e Valáquia) a pedido da Turquia, para esmagar as revoltas

AGOSTO

9 VIGEVANO

Áustria e Sardenha celebram armistício. Os povos italianos ficam como estavam antes das revoluções

2 MALMÖ

Armistício entre a Dinamarca e a Prússia

SETEMBRO

12 SUÍÇA

O país transforma-se numa união federal com um só governo

OUTUBRO

7 VIENA



Os vienenses revoltam-se pela terceira vez, quando descobrem que Fernando I pretende esmagar a revolta húngara

NOVEMBRO

4 FRANÇA

Promulgada a constituição da Segunda República saída da revolução de fevereiro

16 ROMA

Revolta na capital dos Estados Papais

24 ROMA



Pio IX foge para Gaeta, região do Lácio

DEZEMBRO

2 IMPÉRIO AUSTRÍACO

O imperador abdica a favor do seu sobrinho Francisco José I que contribuirá para o desencadear da I Guerra Mundial com a declaração de guerra à Sérvia, em 1914

5 PRÚSSIA

Dissolvida a assembleia nacional e promulgada uma constituição. Todavia, mantém-se a autoridade do rei que, em breve, voltará ao absolutismo

10 FRANÇA

Eleições presidenciais. Eleito Luís Napoleão Bonaparte, que fará um golpe de Estado, em 1851, para se manter no poder. Autointitula-se imperador Napoleão III e governará até ser deposto em 1870

saber das novas, o rei teme pela sua integridade e, ao início da tarde, decide dar sinal de si e demite Guizot, tenta arranjar um novo presidente do concelho, vai buscá-lo ao centro-esquerda, mas os confrontos da noite, que provocam dezenas de mortos e feridos, vão ditar outro futuro.

O rei, da família dos Orleães, colocado no trono pela burguesia da insurreição liberal de 1830 e que enfrentara quase uma dezena de rebeliões e alguns atentados, não resistiu em 1848. Foi obrigado a abdicar, passando o trono para o seu neto, o conde de Paris, e a refugiar-se no Reino Unido, onde em dois anos morrerá, sabendo que os deputados recusaram o seu sucessor (também chamado Luís Filipe mas com dez anos de idade) e remataram a revolta proclamando a segunda República.

CONTAMINAÇÃO E espalham-se as notícias. A 3 de março, operários e intelectuais manifestam-se em Colónia, no reino da Prússia. Nove dias depois, treme o império austríaco: estudantes e burgueses liberais unem-se gritando pelo direito ao emprego, frente ao Parlamento de Viena, exigindo a demissão de Clemens Wenzel von Metternich, que é o verdadeiro senhor do poder — intitula-se “chanceler da Europa” e governa em nome de Fernando I que tem 53 anos e é considerado mentalmente incapaz. Os militares atiram sobre os manifestantes. Mas o príncipe de 74 anos, há 30 no poder, aguenta menos do que os outros governantes e demite-se em menos de 24 horas, fugindo para o Reino Unido.

Com a saída de Metternich, grande apoiante do absolutista português D. Miguel, forma-se um governo liberal que abole os velhos direitos feudais, concede a liberdade de imprensa e obriga o imperador a aceitar uma nova constituição. No dia seguinte, o Papa Pio IX, entronizado há dois anos e tido por liberal, cheirando a revolta nos Estados Pontifícios, situados no centro da península itálica, promulga uma constituição, mas isso só o aguentará no poder mais uns meses, em novembro terá de fugir de Roma. Logo a seguir, no dia 15, é a Hungria que se agita. Os nacionalistas querem autonomia e, numa semana, dão o grito da independência.

A 17, Veneza enche-se de manifestantes. A 18, a onda revolucionária reacende-se em Milão e atinge Berlim. Revoltados pelo autoritarismo e pela crise, os berlinenses saem para a rua reclamando a liberalização do regime. Durante uma semana não sossegam, fazem barricadas e lutam contra os militares prussianos de Frederico Guilherme IV, de

52 anos e há oito no trono. O rei recua, manda retirar as tropas e junta-se à onda por uma Alemanha unida. Entretanto, na cidade de Milão a luta nas ruas dura cinco dias. Termina a 22, quando Veneza declara independência. Os milaneses conseguem expulsar o governador Joseph Radetzky, homem que apesar dos seus 82 anos voltará à frente de um exército para os subjugar de novo, em nome do imperador austríaco. Nestes dias, Parma também se amotina.

A GUERRA RESOLVE... No dia 25 de março, começam as guerras, quando Frederico VII da Dinamarca, com 40 anos e acabado de se sentar no trono, anuncia querer anexar Schleswig que ligado a Holstein formam um ducado com tendência para o reino da Prússia. Dias antes, o rei cedera também à vontade dos dinamarqueses, pondo um ponto final no absolutismo, transformando o reino numa monarquia constitucional. Carlos Alberto da Sardenha aproveita e declara guerra aos austríacos, sonhando com uma Itália unida, o que só acontecerá em 1870.

Mas a partir daqui já será um outono para os povos. “Uma após outra, falharam todas essas insurreições; o sistema dominante oscilou, rangeu, mas conservou-se de pé”, nota Wells. França conseguiu o almejado sufrágio universal, mas elegeu um Presidente que se transformou no ditador Napoleão III. Os povos italianos ficaram como antes da revolução e Carlos Alberto perdeu o sonho e o trono, morrendo em 1849, exilado em Portugal, na cidade do Porto. Pio IX voltou aos estados papais e a Prússia regressou ao absolutismo com o mesmo rei da casa Hohenzollern. Os austríacos viram as suas conquistas liberais desaparecer, apesar de terem obrigado o imperador a abdicar no seu sobrinho Francisco José, de 18 anos, que contribuirá para o desencadear da Primeira Guerra Mundial com a declaração de guerra à Sérvia, em 1914.

O historiador inglês E. H. Gombrich em “Uma pequena História do Mundo”, de 1936, diz que com tudo isto “o velho regime acabou de vez. Os homens passaram a usar calças pretas parecidas com tubos de esgoto, que eram quase tão feias como as que usamos agora, e colarinhos brancos duros com gravatas de nós complicados. Começaram a aparecer fábricas por todo o lado e os caminhos de ferro transportavam bens em quantidades cada vez maiores de um país para outro”. ■